

Pedagogia Griô: o processo de ensino e aprendizagem e a formação de professores através educação popular na contemporaneidade

Losângela da Cunha Araújo*
Sandra Nívia Soares de Oliveira**

Introdução

O termo Pedagogia Griô foi criado por Lilian Pacheco (2006), a partir de seu trabalho pedagógico com o Ponto de Cultura Grãos de Luz em Lençóis-BA. Este processo toma como base as vivências, conhecimentos e saberes populares de mestres da tradição oral que foram reconhecidos como Griôs pelo extinto Ministério da Cultura (MinC) no Brasil, através da Ação Griô Nacional.

Poderão ser reconhecidos como Mestres e Mestras dos Saberes e Fazer das Culturas Populares aqueles cujos conhecimentos simbólicos e técnicas de produção e transmissão sejam considerados representativos da cultura brasileira tradicional e das expressões para cá transportadas ao longo da história. [...] Mestres e Mestras dos Saberes e Fazer: pessoas que se expressam através de diversas linguagens artísticas, ritos sagrados e festas comunitárias, brasileiros natos ou naturalizados, cuja vida e obra foram dedicadas à proteção, promoção e desenvolvimento da cultura tradicional brasileira; de sabedoria notória, reconhecida entre seus pares e por especialistas; com longa permanência na atividade e capacidade de transmissão dos conhecimentos artísticos e culturais (PROJETO DE LEI 1.176, 2011, p. 2-3)¹.

* Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do grupo de pesquisa de Estudos sobre Gênero, Identidade/Cultura Negra, Geo-Política e Afetividade (GINGA). Coordenadora de Políticas Afirmativas na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

E-mail: lcaraujo@uefs.br

** Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

E-mail: sandraniviasoares@gmail.com

¹ Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FD8B138E2A8E29FEF

A cultura popular atrelada à tradição oral dos Griôs pode ser contextualizada como uma prática de mediação de saberes através da memória, sendo reconhecida como forma de conhecimento inicialmente em comunidades africanas. Os saberes populares dos Griôs são carregados de experiências que também podem ser consideradas expressões da educação popular, constroem e reconstroem a vida da população em comunidades tradicionais.

Muitos saberes foram/são esquecidos ou silenciados na e pela comunidade em função dos processos de dominação que são construídos a partir do colonialismo e se perpetuam na contemporaneidade, dentre eles o processo formal de educação no Brasil. Entretanto, importa destacar que as vivências populares têm fortalecido as militâncias na constante busca por direitos e estão transformando os indivíduos em sujeitos ativos na busca por melhorias sociais em seus próprios contextos através de suas lutas e resistências. Invariavelmente, nessas circunstâncias emergem identidades soterradas e invisibilizadas que ativam a memória individual e coletiva porque,

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura (SOUZA, 2007, p. 63).

Dentro da realidade educacional no país é visível à necessidade de promover a sensibilização dos núcleos de educação formal, em especial a escola, por sua abrangência e protagonismo, sobre a importância do trabalho coletivo do professor com as particularidades socioculturais das comunidades em que as escolas estão inseridas. Ou seja, é fundamental a valorização dos saberes locais e principalmente que se priorize a formação dos educadores, para que estes atuem fortalecendo os conhecimentos regionais.

Por isso mesmo pensar certo coloca no professor ou, mais amplamente, na escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 15).

Para tratar da formação dos educadores no espaço escolar através do fortalecimento da Pedagogia Griô, necessita-se que os grupos gestores e pedagógicos envolvam as comunidades no debate para a formulação e implementação do currículo escolar. Esta metodologia deve passar pela inserção de conteúdos locais e regionais, nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP's), em seus planos de aula e, sobretudo na prática cotidiana de se fazer educação comunitária.

Não se pode perder de vista a relevância da escola na construção de visões de mundos dos homens, mulheres e sociedade. Portanto, ela não pode ser analisada apenas como local de trabalho, a mesma deve ser também um espaço de formação para a vida. Com isso, é preciso investir prioritariamente na capacitação permanente de professores para que estes também valorizem os conhecimentos locais e os saberes populares de cada contexto em que a escola se encontra (VASCONCELOS, 2006, p. 123).

Conforme destaca Pereira (2013, p. 146), não podemos esquecer que a formação dos professores também é um campo em que se mantêm relações de lutas, interesses de forças e poder, sendo dinâmico, inconstante, e, em escolas de comunidades tradicionais (quase sempre localizadas no campo) de uma forma muito particular. Nessa perspectiva, Rios (2016, p. 238) afirma que:

Há uma lacuna na historiografia da educação brasileira: a educação rural e, conseqüentemente, a formação de seus professores não tem sido estudada com a constância necessária. Essa temática vem sendo marcada por silenciamentos produzidos e incorporados às práticas e políticas educacionais que continuam imprimindo marcas de negação ao direito à educação para a população rural.

Direcionando nosso olhar para a educação em comunidades tradicionais, atrelando a mesma com a tradição oral enquanto mediação de saberes através da memória e da oralidade, BÂ (1980) destaca que a tradição oral é considerada uma importante fonte de conhecimentos para a maioria dos povos. As manifestações, sociais e culturais dos Griôs não são isoladas, aprende-se observando, ouvindo, cantando, dançando, com práticas cotidianas e contando histórias. BÂ (1980) ainda ressalta que o contador de história que carregam em sua bagagem vastos saberes populares é um mestre, um iniciador da criança, do jovem e até do adulto, que carrega conhecimentos de toda uma comunidade. Contudo,

A ausência de estudos sobre essas comunidades, mais que isso, a falta de oportunidade imposta pela forma etnocêntrica de pensar a educação,

dificultando a aproximação entre a escola, a cultura e saberes das comunidades negras, em especial das comunidades negras rurais, se configura em prejuízo, tanto para brancos quanto para afro-descendentes, à medida que ficam ambos limitados em seu modo de ver o mundo (OLIVEIRA, 2006, p. 162).

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da aproximação entre o saber escolar e o saber popular partindo de um olhar sobre a Pedagogia Griô como uma experiência de educação popular. Assim, aborda a Pedagogia Griô, o processo de ensino e aprendizagem através da perspectiva de formação de professores para a inclusão dos conhecimentos populares na sala de aula.

Destaca-se que este trabalho é decorrente de uma pesquisa de natureza qualitativa com embasamento teórico, que nasce do contato com os Griôs Sisaleiros, mestres da tradição oral no Território do Sisal-BA. Com isso surgiram as categorias analíticas que foram criadas para dar conta do objetivo que foi reflexão dos primeiros argumentos vinculados entre a importância da aproximação dos saberes comunitários com as escolas em comunidades tradicionais, cujos guardiões dos saberes populares são os Griôs.

Para aprofundamento de estudos, entendemos que a análise também deve passar pela formação de professores e currículo, contudo, este artigo não dará conta de toda essa abordagem, mas, apresenta as primeiras inquietações sobre o tema. Nesse sentido, o presente trabalho trata-se principalmente de uma revisão bibliográfica, sendo um ensaio inicial para o aprofundamento de estudos sobre os anseios empíricos destacados.

Reflexões sobre a educação popular dentro do processo de ensino e aprendizagem Griô

Os conhecimentos adquiridos através dos Griôs favorecem a formação cidadã e as lutas por autonomia nas diversas comunidades que estes sujeitos estão inseridos garantindo a harmonia dentro dos grupos. Isso impacta principalmente na formação social e política de crianças e jovens em ambientes que historicamente foram excluídos dentro da sociedade capitalista.

É essencial falar de/e com a escola como um lugar construído por sujeitos localizados social e historicamente, que por mais influenciados que sejam pelos contextos, podem também ressignificá-los, produzi-los, transformá-los. Assim, a escola, feita de/e por sujeitos, não é uma instituição que se constitui, inexoravelmente, por uma hegemonia fixa. Por dentro dela, pode-se produzir

outro percurso, de formação, de conscientização e de superação de uma dada hegemonia (LEIRO, 2012, p. 30).

Os Griôs através dos seus saberes populares se dispõem ao diálogo com as escolas comunitárias, provocando e problematizando os meios formais de educação para a valorização e reapropriação de suas memórias, matrizes histórico-culturais locais e regionais. Contudo, na maioria das vezes, não encontram espaço para enraizamento de seus conhecimentos nestes ambientes. Este diálogo geracional pode se configurar em uma estratégia para guiar os alunos em seu processo de construção da autonomia e libertação das amarras das opressões provocadas pela exclusão social, tomando como base os conhecimentos de seus ancestrais.

A transmissão de saberes através da oralidade pelos Griôs é também uma forma de compreender o conhecimento para além daqueles historicamente reconhecidos por uma escola que, dita para o povo, exclui o povo porque desconsidera o fazer, o pensar, o ver produzido pelas comunidades e suas respostas aos problemas da existência. Dentro desta questão, ricas são as reflexões de Oliveira (2006) sobre os saberes comunitários do Quilombo de Mangal/Barro Vermelho no Oeste Baiano revelando pedagogias e conteúdos para a escola porque são conteúdos da vida em comunidade.

O modo de produzir os alimentos, de resolver problemas administrativos, assim como o modo de perpetuar a cultura através da Marujada, da Roda de São Gonçalo, do reisado, são aprendidos de forma natural pelas crianças, acompanhando o próprio ritmo do viver regido por um tempo e espaço determinados por uma lógica que nem sempre pode ser compreendida de fora do quilombo. Muitas vezes essa lógica soa mais do que estranha, errada, para um olhar desconectado com a experiência da Comunidade. As crianças aprendem “seus papéis e a hora de exercê-lo, porque lhes é permitido conhecer o legado dos mais velhos recriado no presente, assim como sua história que é valorizada constantemente” (MOURA, 1999, p. 111) (OLIVEIRA, 2004, p. 100).

Também no Território do Sisal, sem dúvida os mestres Griôs carregam riquíssimos saberes e vem há muitos anos sensibilizando a população para lutarem por melhores condições de vida e contra a subalternidade. Entretanto, essas ações precisam ser incluídas e apreciadas na sala de aula das comunidades, onde devemos respeitar e valorizar as pluralidades.

Vários pesquisadores já avançaram seus estudos sobre a educação popular e nos apresentam a mesma como uma forma de resistência na contemporaneidade. Algumas vertentes pedagógicas destacam a importância dos saberes regionais. Dentre elas,

podemos destacar a teoria libertadora e a pedagogia progressista, defendidas por Freire (1983) que aborda essas modalidades de ensino como um espaço de resistências e autonomias. Freire (1983) ampara a educação das classes populares como uma ferramenta de luta contra a desigualdade social.

Os conhecimentos populares são meios para a libertação da condição de oprimido de diversos sujeitos, assim, a educação não deve ocorrer apenas dentro do ambiente escolar. Gohn (1999) aborda que a educação não formal, ou seja, os saberes populares direcionam para um processo de formação cidadã, capacitação para o trabalho, organização comunitária e de aprendizagem em recintos diferenciados.

A educação deve ser pensada como instrumento de transformação da realidade, como meio de garantir a cidadania, levando em consideração o respeito à diversidade, permitindo um mundo mais universalizado. É indispensável dentro do processo de ensino e aprendizagem Griô o diálogo intercultural, permitindo a construção do conhecimento para além das paredes da escola, proporcionando o debate entre o pensamento crítico e o contexto em que os alunos estão inseridos, visto que:

Vivemos numa sociedade marcada pela pluralidade de imagens e de diferenças socioculturais. A escola, por sua vez, busca desenvolver seu projeto pedagógico com ênfase nas diferenças e nas relações que os indivíduos estabelecem consigo próprios e com os outros. Convém questionar, se nós, professores, desenvolvemos nossas práticas, tendo em vista a assunção das identidades e o respeito às diferenças? Como podemos viver os projetos de igualdade e respeito à diversidade, tão presente e marcadas na sociedade brasileira? De que maneira a escola pode tornar-se um território favorável à aprendizagem do convívio com a diferença? (SOUZA, 2014, p. 48).

Dessa forma, a perspectiva da Pedagogia Griô vinculada com a educação popular vem estimulando uma nova epistemologia fundada dentro do conhecimento do cotidiano, das experiências coletivas de movimentos sociais e grupos que possuem inúmeros saberes, questionando a aprendizagem nestes contextos. Com isso, podemos analisar a educação popular também como um modelo de educação que problematiza e nos leva para um choque com as formas tradicionais e hierárquicas de transmissão de saberes.

Destaca-se que as lutas e resistências em comunidades subalternizadas, onde a maioria dos Griôs vive, desde a organização das famílias pelo acesso a seus direitos já é um ambiente de formação popular. As reuniões para discussões sobre meios e estratégias para reivindicar direitos e as manifestações culturais, são ações que

envolvem a participação social, experiências e conhecimentos populares conforme ressalta Freire (1996). Este defende as militâncias dos oprimidos como meios de constantes busca pela libertação e autonomia dos excluídos. Nessa mesma linha de análise, Leiro (2015, p. 73-74) destaca que:

A pedagogia libertadora tinha, como proposta principal, considerar como as classes populares se expressavam no mundo e, por meio de práticas pedagógicas originadas nos próprios contextos populares, o processo de conscientização e o engajamento político se davam coletivamente, a partir do momento em que as pessoas se reconheciam, como constituintes da história e percebiam os fatores condicionantes da sua situação social.

Muitos Griôs não são reconhecidos pelo núcleo escolar em seus próprios contextos sociais, aliás, via de regra, a escola tem desconhecimento do que vem a ser e da importância dos Griôs para vida de uma comunidade. Pacheco (2006) ressalta que os mestres de saberes que praticam a tradição oral são doutores nas ciências da vida e devem ser reconhecidos pela população regional como detentores de conhecimentos e fazeres únicos.

Com sabedoria e experiências populares, estes sujeitos são exemplos de resistências, possuem fascinantes histórias, a habilidade de ensinar ofícios e formar seres humanos com referência no passado e em sua ancestralidade. Assim, é fundamental que mestres Griôs vinculem a transmissão de seus saberes com a pedagogia das escolas locais que residem.

A formação docente através da Pedagogia Griô no processo ensino e a aprendizagem

De acordo com a Pedagogia Griô, é através das experiências e saberes populares que a humanidade pode ser vista de forma ampla. Bâ (1980) afirma que a transmissão dos conhecimentos contribui para a formação de um sujeito que se liberta das prisões impostas pela sociedade opressora.

A educação popular através das diversas formas de manifestações, sejam elas culturais, ou militâncias sociais, têm como princípio a participação coletiva e a solidariedade, almejando alcançar a estruturação de um projeto político de sociedade justo e humanizado para a transformação social. Assim, é essencial trazer para a sala de aula os conhecimentos locais, permitindo uma educação contextualizada, mas para isso é preciso investir e sensibilizar os núcleos escolares para a formação de seus docentes.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1992, p. 25).

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem da Pedagogia Griô leva em consideração os conhecimentos coletivos, ou seja, o ensino não se dá somente a partir de um indivíduo, mas tem como suporte toda população. Com isso, não basta para o professor dominar o conteúdo, nem somente possuir a técnica sobre qual a melhor maneira de ensinar, é preciso saber também organizá-lo sem perder de vista a bagagem dos alunos e a realidade local que essas escolas estão inseridas, mas para isso é necessário formação. Assim, Arroyo (2012, p. 37) destaca:

Os setores populares são, portanto, sujeitos de conhecimento, racionalidade e epistemologia. Exigem que seu conhecimento, seus saberes, sua racionalidade, suas leituras de mundo sejam reconhecidos e postas em diálogo com as epistemologias vistas como legítimas, os saberes legítimos, os valores legítimos etc.

Para disseminar seus saberes a Pedagogia Griô baseia-se principalmente nas práticas de mediação de conhecimentos populares através da memória. Essa ação é fundamentada pela criatividade e por uma inovação metodológica desenvolvida pelo ponto de cultura “Grãos de Luz e Griô”², com sede em Lençóis (BA) que se espalhou por várias regiões do país adentrando as salas de aulas que eram até então consideradas espaços únicos de conhecimentos. Nessa direção, Oliveira (2004) ao nos contar a história do quilombo de Mangal, situado no Oeste Baiano, ratifica a importância de uma escola conectada com a comunidade:

E, uma das coisas que Mangal nos oferece é a oportunidade de refletir sobre como trabalhamos hoje em nossas escolas. O que estamos valorizando nelas. Quem são os nossos heróis, que história estamos contando e, por conseguinte,

² O Grãos de Luz e Griô é um ponto de cultura, uma associação comunitária, uma rede de famílias e comunidades que nasceu em 1995 e que foi fundada juridicamente em 2001. Foi primeiro lugar no Brasil pelo Prêmio Itaú Unicef 2003 entre 1834 projetos, já participou de 4 festivais e encontros internacionais de culturas populares e tradições orais. O Grãos de Luz e Griô busca a realização dos direitos a educação, arte, cultura e desenvolvimento sustentável em comunidades tradicionais, rurais e de periferia da Chapada Diamantina e do Brasil, para o fortalecimento da identidade, da ancestralidade e a celebração da vida do povo brasileiro através da tradição oral.

construindo. Faz-nos refletir, também sobre a crueldade da exclusão em nossa sociedade que atinge, principalmente, os negros e, principalmente nos mostra que, uma vez oferecidas as condições, a população afrodescendente é capaz de propor uma educação que rompa com o monólogo pedagógico das práticas tradicionais e instaure a possibilidade de diálogo entre as culturas (OLIVEIRA, 2006, p. 167).

Reforça-se que o ensino e aprendizagem através do popular podem ser analisados pela vertente política da educação que está relacionada, principalmente, com uma categoria que paira sobre os conflitos de classes. Diante disso, os projetos de educação popular são os que implicam ao mesmo tempo maiores desafios e potencialidades para a formação crítica dos professores, para assim contribuírem com a constituição de alunos como agente ativo das suas transformações sociais (WERTHEIM, 1985, p. 60).

A formação continuada dos professores é essencial para contemplar a democratização do conhecimento teórico com a prática educativa e com os saberes das comunidades. Destaca-se que ensinar exige dos professores uma atenção especial com os processos de constantes mudanças que ocorrem na ordem social, política, cultural e educacional, onde não podemos perder de vista a inter-relação entre o contexto comunitário e a prática pedagógica.

O compromisso social podemos chamar-lhe diferentes nomes, mas todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir na sociedade, faz parte do ethos profissional docente (NÓVOA, 2011, p. 06).

Ainda tomando como base a Pedagogia Griô, devemos compreender o espaço escolar também como um meio de formação a ser construído, devendo ser um ambiente participativo, onde seja permitido aos professores o diálogo, a interação e a discussão da sua prática pedagógica no processo de formação. É importante considerar as referências de âmbito social, cultural, político, ideológico da comunidade. A escola deve garantir também ao professor autonomia na criação e produção do conhecimento, no qual a teoria e prática devem se atrelar com a ação dialética de reflexão.

A lógica perversa de formalização do conhecimento a partir da proposta burguesa de escola desrespeita os indivíduos afrodescendentes em sua

capacidade de serem sujeitos, impondo-lhes uma educação desumanizadora, unilateral e, por isso mesmo excludente, privando-o da presença de sua cultura na escola, que se manifesta na negação de sua linguagem, na desvalorização de suas práticas religiosas, na desqualificação de suas manifestações culturais transformadas em folclore, no aniquilamento de sua memória histórica, ou ainda no rebaixamento de sua auto-estima (OLIVEIRA, 2006, p. 139).

Os espaços educacionais formais precisam ser entendidos como lócus de formação, reconhecendo a necessidade de uma consciência crítica, tanto por parte dos professores como dos alunos. Mas, é necessário que os educadores assumam uma intencionalidade política pedagógica diante do seu desenvolvimento profissional, compreendendo esse processo em constante transformação e construção de sua própria identidade enquanto formador de opinião e de sujeitos críticos aptos a lutarem pelos seus direitos.

O professor deve ser visto, numa perspectiva que considera sua capacidade de decidir e de, confrontando suas ações cotidianas com as produções teóricas, rever suas práticas e as teorias que as informam, pesquisando a prática e produzindo novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar... assim, as transformações das práticas docentes, só se efetivam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade (LIBÂNEO, 1992, p. 42).

Enfatiza-se que não há condições de se pensar o fazer pedagógico articulado somente com o campo teórico, a práxis deve ser levada em consideração. Os conhecimentos precisam estar vinculados com os pressupostos teóricos e práticos, para que juntos venham a contribuir com a fundamentação de uma nova ação, por isso a necessidade da formação constante dos docentes.

Resultados

Conclui-se que é preciso fortalecer a ideia de que o saber popular além de ser um patrimônio cultural regional, também é uma ferramenta de resistência e denúncia da condição de oprimido que os sujeitos se encontram na contemporaneidade. Podemos afirmar que os saberes Griôs são marcas da educação popular, que libertam e garantem a autonomia da população.

Inúmeras comunidades tradicionais e rurais possuem mestres Griôs, entretanto, muitas escolas excluem os mesmos da produção do conhecimento local. É necessário

formar esses professores para que os mesmos acolham na sala de aula os saberes que fazem parte da identidade de cada grupo, garantindo que os alunos tenham acesso a expressões populares de seus antepassados, pois muitas destas ações sejam elas culturais, artísticas, ritos sagrados e/ou festas comunitárias, são utilizados como militâncias por seus direitos.

Para desenvolver a formação cidadã de crianças e jovens não se pode perder de vista suas matrizes e memórias, conforme destaca Leiro (2012, p. 30) é preciso considerar mais do que o contexto que se elabora o currículo e olhar também seu entorno, seu cotidiano.

Assim, como resultados conclui-se que este é um tema que ainda precisa ser aprofundando com um minucioso estudo, partindo de um olhar sobre os Griôs Sisaleiros no Território do Sisal-BA. Foi observando as manifestações culturais e a tradição oral destes mestres que surgiram as inquietações do presente artigo.

Portanto, ressalta-se que em meio à pandemia do COVID-19, não houve a possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa de campo mais aguçada. Contudo, é visível, a partir do que já foi dialogado e debatido, que necessitamos formar nossos professores das comunidades tradicionais, pois só assim para a escola acolher os saberes populares em seus espaços que são fundamentais para a formação crítica dos alunos em seus contextos sociais.

Referências

- ARROYO, M. **Educação popular, movimentos sociais e formação de professores - outras questões, outros diálogos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- BÂ, A. H. **A Tradição Viva**. História Geral de África. Tomo. I. Edição Ática: UNESCO, 1980.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire. São Paulo. Brasil: Paz e Terra, 1996.
- GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.
- LEIRO, A. C. R.; SOUZA, E. C. (Orgs.). **Educação Básica e Trabalho Docente: políticas e práticas de formação**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEIRO, A. C. R.; SANTOS, V. R. A Pedagogia Social na formação e práxis de educadores: vozes do contexto socioeducativo. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, p. 59-81, 2015.

Formação de professores: contexto e realidade brasileira

Pedagogia Griô: o processo de ensino e aprendizagem e a formação de professores através educação popular na contemporaneidade

DOI: 10.23899/9786589284208.2

- LIBÂNIO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista Ande**, n. 6, p. 11-9, 1992.
- MOURA, G. Os quilombos contemporâneos e a educação. **Revista Humanidades**. UnB, Editora Brasília: n. 47, p. 999-116, nov. 1999.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In NÓVOA, A. (Org). **Vida de professores**. Portugal: Editora Porto, 1992.
- NÓVOA, A. Profissão: docente. **Revista Educação**, ago. 2011.
- OLIVEIRA, S. N. S. de. **De Mangazeiros a Quilombolas**: Terra, Educação e Identidade em Mangal e Barro Vermelho. Sandra Nívia Soares de Oliveira. Salvador-BA. 2004.
- PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: A reinvenção da Roda da Vida. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.
- PEREIRA, J. E. D. A Construção do Campo da Pesquisa sobre Formação de Professores. **Revista FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 145-154, 2013.
- RIOS, J. A. V. P. De lavradora a professora primária na roça: narrativas, docência e profissionalização. **Rev. Bras. Educ.** [online], v. 21, n. 65, p. 325-346, 2016.
- SOUZA, E. C. (Auto)biografia, história de vida e práticas de formação. **Memoria e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.
- SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 6. ed. São Paulo, Libertad Editora, 2006.
- WERTHEIN, J. **Educação de Adultos na América Latina**. Campinas: Papirus, 1985.